

O *Hilastērion* e o Mediador: Breve análise exegética da expiação e mediação

Pr. Daladier Lima (com auxílio de resumo bibliográfico de IA)

Introdução

A doutrina bíblica da expiação e da mediação constitui um dos eixos centrais da teologia cristã. Sua compreensão adequada exige uma análise exegética e teológica dos termos originais empregados no AT hebraico e no NT grego.

Entre esses termos, destacam-se o hebraico *tampa*, propiciatório, no original hebraico *kappōret* (כַּפֹּרֶת), o verbo *cobrir*, *kāphar* (כָּפַר), bem como os termos gregos, propiciação, no original grego, *hilastērion* (ἱλαστήριον¹), e mediador, *mesítēs*² (μεσίτης).

Esses vocábulos revelam uma continuidade conceitual entre o Antigo e o Novo Testamento, culminando em uma cristologia expiatória e mediadora.

A *kappōret* no contexto cultural do Antigo Testamento

O termo hebraico *kappōret*, Strong 3727, refere-se à tampa de ouro da Arca da Aliança, situada no Santo dos Santos (Êx 25.17–22; 39:35). Esse elemento cultural ocupava posição central no sistema sacrificial israelita, pois era o local onde a presença divina se manifestava de modo especial. Segundo Wenham (1991), a *kappōret* representava o ponto de encontro entre a santidade de Deus e a condição pecaminosa do povo. Nela o juízo era exercido e os pecados cobertos (Hb 10:4,11).

O verbo *kāphar* e a noção de expiação

A raiz verbal *kāphar* está semanticamente ligada à ideia de “cobrir”, “purificar” ou “expiar”. Conforme o *Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (HALOT), Strong 3722, o termo descreve uma ação ritual que restaura a relação entre Deus e o ser humano. A expiação, portanto, não se limita a um aspecto jurídico, mas envolve purificação cultural e reconciliação relacional.

O Dia da Expiação (*Yom Kippur*)

Em Levítico 16, a *kappōret* assume papel central no rito do Dia da Expiação³. O sangue aspergido sobre ela simbolizava a purificação do santuário e do povo de Israel. Milgrom (2001) enfatiza que o ritual tinha como objetivo principal remover a impureza acumulada no santuário, garantindo a permanência da presença divina no meio do povo.

¹ Em grego o H não é mudo. Quando transliterado deve ser pronunciado como RR. Ex: hagios, santo, pronuncia-se rraguios.

² A pronúncia grega de μεσίτης é messitês. Em grego o S (sigma) nunca é pronunciado como o S de casa, peso, mesa, sempre como o S de sopa, soprar, sentir, servir

³ O Dia da Expiação era o ponto alto das festas de Israel, celebrado no 10º dia do sétimo mês, Tisrei, entre setembro e outubro do nosso calendário. Era o único dia em que o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos

A tradução da Septuaginta: *hilastērion*

A Septuaginta traduz *kappōret* pelo termo grego *hilastērion*. Essa escolha terminológica é teologicamente relevante, pois associa o objeto cultural israelita ao vocabulário grego da propiciação e da expiação. Morris (1981) observa que *hilastērion* carrega tanto a ideia de apaziguamento quanto a de remoção do pecado. No Dia da Expição um bode era enviado ao deserto para morrer (Lv 15,16). Simbolicamente, ele carregava os pecados do povo. Segundo algumas tradições era empurrado de um desfiladeiro, para garantir que nunca mais voltasse. Outro bode era morto e seu sangue aspergia o *hilastērion*.

O uso paulino de *hilastērion* em Romanos 3.25

Em Romanos 3.25, o apóstolo Paulo afirma que Deus apresentou Cristo como *hilastērion*, mediante a fé, pelo seu sangue. Isto significa que o próprio Deus creu em Cristo e seu sacrifício vicário. Tal afirmação indica que Jesus não é apenas o agente da expiação, mas o próprio lugar onde ela ocorre. Dunn (1988) destaca que Paulo emprega deliberadamente a linguagem cultural para reinterpretar a morte de Cristo à luz do sistema sacrificial judaico.

Ao identificar Cristo como *hilastērion*, o Novo Testamento desloca o centro do culto do templo para a cruz, onde o corpo de Cristo foi imolado, carregando sobre si os nossos pecados (Is 53:5). O sangue de Cristo assume função expiatória definitiva, em contraste com os sacrifícios repetitivos do sistema levítico (Hb 10:1). Segundo Wright (2013), essa releitura redefine a noção de justiça divina como fidelidade de Deus à sua aliança (Hb 6:18).

O conceito de mediador (*mesítēs*)

O termo grego *mesítēs* designa aquele que atua entre duas partes com o objetivo de estabelecer ou restaurar uma relação. Em 1 Timóteo 2.5, Cristo é apresentado como o único mediador entre Deus e a humanidade. Barclay (1976) observa que o mediador, no pensamento bíblico, não é um simples intermediário neutro, mas alguém profundamente envolvido na reconciliação.

Percebamos que o mediador se entregou em nosso lugar (1 Co 15:3) e seu sacrifício foi aceito por Deus (Hb 9:12) de forma definitiva e eficaz. A implicação desta afirmação é que já não há outros mediadores. A afirmação de que Maria é a medianeira, rechaçada pelo papa Leão XVI, em declaração de novembro do ano passado, é totalmente descabida e antibíblica.

Outrossim, já não há nenhum outro sacrifício a ser feito para a salvação por quem quer que seja, pois perderam completamente o sentido e a necessidade.

Mediação no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, figuras como Moisés exerceram função mediadora entre Deus e Israel (Êx 19:24). Contudo, essa mediação era limitada e provisória, estando subordinada ao sistema sacrificial. Conforme Käsemann (1980), a mediação mosaica preparava o caminho para uma mediação escatológica mais plena.

Moisés teve o mérito de redirecionar a compreensão judaica através da instituição de diversas leis cerimoniais, que buscavam conectar o povo com a santidade exigida por Deus. Entretanto, sua mediação era não apenas imperfeita, como passageira. O mesmo papel episódico era reservado aos sacerdotes da Velha Aliança.

Todo dia, frise-se, havia sacrifícios pelos pecados no tabernáculo e no Templo. No Yom Kippur, Dia da Expição, era feito um sacrifício coletivo mais abrangente.

Cristo como mediador da nova aliança

A Epístola aos Hebreus apresenta Cristo como mediador da nova aliança (Hb 8:6; 9:15). Sua mediação está fundamentada em seu sacerdócio eterno e em seu sacrifício único. Para Lane (1991), a singularidade da mediação de Cristo reside no fato de que ele une em si mesmo sacerdote, sacrifício e mediador.

Assim, em Cristo, os conceitos de expiação e mediação convergem plenamente. Ele é simultaneamente o *hilastērion*, onde o pecado é expiado, e o *mesítēs*, que reconcilia Deus e a humanidade. Barclay (1976) destaca que essa dupla função confere à obra de Cristo um caráter único e definitivo.

Conclusão

A análise dos termos *kappōret*, *kāphar*, *hilastērion* e *mesítēs* demonstra a coerência interna da teologia bíblica da expiação. O Novo Testamento não rompe com o Antigo, mas o interpreta cristologicamente. Em Cristo, a expiação deixa de ser ritual repetitivo e a mediação deixa de ser provisória, alcançando sua realização plena, eficaz e definitiva.

Referências bibliográficas

- BARCLAY, William. *The Apostles' Creed*. Edinburgh: Saint Andrew Press, 1976.
- DUNN, James D. G. *Romans 1–8*. Dallas: Word Books, 1988.
- HALOT. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1994–2000.
- KÄSEMANN, Ernst. *Commentary on Romans*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.
- LANE, William L. *Hebrews 1–8*. Dallas: Word Books, 1991.
- MILGROM, Jacob. *Leviticus 1–16*. New York: Doubleday, 2001.
- MORRIS, Leon. *The Apostolic Preaching of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.
- WENHAM, Gordon J. *The Book of Leviticus*. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.
- WRIGHT, N. T. *Paul and the Faithfulness of God*. Minneapolis: Fortress Press, 2013.